

LUNES 13 DE MARZO DE 2006

**Comisión Temporal sobre la Supuesta Utilización de
Países Europeos por la CIA para el Transporte y la
Detención Ilegal de Presos**

MONTAG, 13. MÄRZ 2006

Nichtständiger Ausschuss

**zur behaupteten Nutzung europäischer Staaten durch
die CIA für die Beförderung und das rechtswidrige
Festhalten von Gefangenen**

MONDAY, 13 MARCH 2006

**Temporary Committee on the alleged use of European
countries by the CIA for the transport and illegal
detention of prisoners**

LUNEDI' 13 MARZO 2006

**Commissione temporanea sul presunto utilizzo di paesi
europei da parte della CIA per il trasporto e la
detenzione illegali di persone**

PONIEDZIAŁEK, 13 MARCA 2006

**Komisja tymczasowa ds. domniemanego
wykorzystania krajów europejskich przez CIA do
transportu i nielegalnego przetrzymywania więźniów**

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 2006

**Comissão Temporária Sobre a Alegada Utilização pela
CIA de Países Europeus para o Transporte e a
Detenção Ilegal de Prisioneiros**

1-002

COMISSÃO TEMPORÁRIA SOBRE A ALEGADA
UTILIZAÇÃO PELA CIA DE PAÍSES EUROPEUS
PARA O TRANSPORTE E A DETENÇÃO ILEGAL DE
PRISIONEIRO

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 2006

1-003

PRESIDÊNCIA: SR. Carlos COELHO

(A reunião tem início às 21h05)

1-004

Presidente. – Passamos então ao ponto 3 da nossa ordem de trabalhos que é o assunto principal, temos o prazer de receber hoje na nossa comissão o Sr. El Masri e o seu advogado, o Sr. Manfred Gnjdic. Desejo-vos as boas-vindas à comissão e agradeço o facto de terem aceite o nosso convite, o Sr. Masri apresentou uma queixa de crime contra indeterminados pelo sequestro e tortura e afirma que foi levado da antiga República Jugoslava da Macedónia, deportado para o Afeganistão, onde terá sido torturado e depois libertado na Albânia. O que está combinado é que vamos ter 10 minutos de intervenção inicial para resumir os factos, penso que será o seu advogado a fazer essa intervenção inicial e depois faremos pergunta/resposta pedindo a maior concisão quer aos deputados que fazem a pergunta, quer ao Sr. Masri ou ao seu advogado para as respostas. Tem então a palavra para a intervenção inicial.

1-005

Manfred Gnjdic, Advogado do Sr. El Masri. – Boa-noite, minhas Senhoras e meus Senhores! Chamo-me Manfred Gnjdic. Sou advogado de Khaled El Masri, e possui a nacionalidade alemã. Disponho de dez minutos para resumir a história de Khaled El Masri. Faço-o a pedido do próprio.

A história inicia-se em 30 de Dezembro de 2003. O Sr. El Masri, após uma alteração conjugal, viajou para a Macedónia. Decidiu viajar para a Macedónia porque a vida aí era muito barata, porque viaja frequentemente em países da Europa Oriental e porque o custo era relativamente baixo. Viajou num autocarro da Touring-Organization de Ulm, atravessando a Áustria, a Eslovénia, a Croácia e a Sérvia até chegar à fronteira servomacedónia. Só nesta fronteira se verificou um incidente. Atravessou todas as outras fronteiras sem quaisquer problemas.

Os passageiros que viajavam no autocarro com o Sr. El Masri também confirmaram esta viagem. Cumpre dizer; primeiro ninguém se lembrava muito bem desta história e só após uma interpelação energética por parte das autoridades de investigação é que a história foi relatada.

No posto fronteiro Kumanovo, foi levado o passaporte do Sr. Khaled El Masri, juntamente com os outros passaportes dos demais passageiros. No entanto, estes últimos foram devolvidos. O condutor do autocarro

prosseguiu viagem. Só percorridos quatro quilómetros além da fronteira é que se constatou que o passaporte Khaled El Masri ainda estava na fronteira. O autocarro voltou para trás até à fronteira. Ali, foi dito ao Sr. El Masri que ele não deveria ter prosseguido viagem. Foi solicitado a descer do autocarro e teve que aguardar pela polícia. A polícia chegou em vários carros, sem números na matrícula, e levou-o para Skopje para o Hotel Skopski Merak. Entretanto pudemos descobrir este hotel em conjunto com a ZDF, programa Frontal21. Sabemo-lo porque o Sr. Khaled El Masri reconheceu na página de Internet do hotel o seu quarto, o mobiliário, bem como os empregados que por vezes lhe levavam a comida. Esteve aí detido 23 dias.

Cabe reter que Khaled El Masri esteve, durante todo o tempo, detido neste hotel sem lhe haver sido dada a oportunidade de sair para o exterior. Tal incluiu contactos com consulados, embaixadas, advogados, tradutores e a sua própria família. Todos estes contactos lhe foram rigorosamente negados. Quando Khaled El Masri entendeu que não queria suportar esta situação por mais tempo e procurou o confronto e sair do hotel. Constatou que os três guardas armados que nesse hotel o guardavam o ameaçaram com armas de fogo.

Liminarmente, e no contexto do interrogatório a que foi submetido, foi alegado que ele era detentor de um passaporte falsificado. Acresce que as pessoas conheciam pormenores precisos da vida de Khaled El Masri, como, por exemplo, resulta das questões colocadas sobre relações com clientes na Noruega. Foi pois interrogado com conhecimento de causa sobre assuntos na Noruega o que só é possível tendo conhecimento sobre as transferências bancárias de Khaled El Masri.

No sétimo dia, foi abordado por um alegado chefe com o seu assistente que propôs um acordo ao Sr. El Masri. Instaram-no a confessar ser membro da Al-Qaida e seria então enviado para a Alemanha. Khaled El Masri negou tal, pois, embora concordasse com o facto de ser enviado para a Alemanha negou-se a confessar ser membro da Al-Qaida, pois ele não é membro da Al-Qaida.

Dado que a situação não se alterava, iniciou em 13 de Janeiro a sua primeira greve de fome que durou até ser levado para o Afeganistão. Por parte do assistente foi-lhe comunicado que o presidente havia decidido que o caso dele já não se encontrava nas mãos dos guardas.

Em 23 de Janeiro foi obrigado a consentir uma gravação vídeo na qual teve de dizer que se sentia muito bem e que iria ser levado para a Alemanha. Na verdade foi levado para o aeroporto de Skopje e aí submetido a uma denominada inspecção médica numa dependência especial. Vedaram-lhe os olhos, ataram-lhe as mãos e ele não sabia o que lhe estava a acontecer. Subitamente foi pontapeado e batido com bastante violência. Rasgaram-lhe a roupa e quando se negou a despir a roupa interior bateram-lhe outra vez com muita violência.

Durante todo este processo foi fotografado. Os pormenores encontram-se descritos na queixa, e não desejamos agora repeti-los explicitamente. Quando lhe retiraram o carapuço da cabeça para o fotografar verificou que cerca de sete ou oito pessoas se encontravam presentes vestidas totalmente de negro – incluindo mãos e pés – e encapuçadas com toucas de esquí. Não comunicavam oralmente e percebeu que se tratava de uma unidade organizada. Sabemos hoje que, provavelmente, se tratava da *black rendition team*.

Vestiram-lhe uma fralda e um fato de treino e foi amarrado. Colocaram-lhe tampões nos ouvidos, taparam-lhe os olhos, enfiaram-lhe um saco na cabeça e foi levado para um grande aparelho. Recorda-se de ter subido quinze degraus.

Em 23 de Janeiro de 2004 saiu de Skopje de avião. Sabemo-lo porque o passaporte de Khaled El Masri tem um carimbo com a sua saída da Macedónia. Mas também o sabemos porque temos o diário de bordo deste voo do aparelho N 313. Na aeronave foi amarrado, deram-lhe drogas e perdeu a consciência, que recobrou de vez em quando. Lembra-se de uma escala intercalar até finalmente aterraram no Afeganistão. Aí foi transportado na bagageira de um veículo automóvel, cerca de dez minutos, até chegar a uma prisão.

Foi empurrado pelas escadas abaixo, batido e pontapeado. Pontapearam-no também na cabeça. Foi novamente submetido a um exame médico e fotografado despido até que o levaram para uma cela suja numa cave. Nessa cave encontrava-se sozinho, não tinha pois qualquer contacto com outros prisioneiros. Também não havia cama ou algo parecido, havia apenas um cobertor fino no qual se podia embrulhar. À noite não conseguia dormir, fazia demasiado frio.

Para beber davam-lhe água fétida que tinha um cheiro insuportável. Ainda hoje sente náuseas quando pensa nisso. Para comer davam-lhe alguns ossos de galinha descarnados, cozidos em água, folhas de salada apodrecidas e arroz com insectos. Durante todo este processo Khaled El Masri perdeu cerca de 30 quilos, também devido à sua greve de fome.

Foi interrogado, em particular, sobre Neu-Ulm. Cerca de 70 % das questões incidiam sobre as pessoas e a situação ali. Nunca foi interrogado sobre uma vida paralela e nunca foi interrogado sobre a viagem, mencionada no *Nine Eleven Report*, de Binalshibh com um denominado Khalid El-Masri.

Com base numa fotografia, recorda-se de, em Fevereiro de 2004, ter tido um primeiro contacto com uma pessoa que falava alemão e que se chamava Sam. Foi conduzido para fora da sua cela, a pessoa tapou a cara e disse: esta não é a pessoa certa para interrogar. Levem-na de volta. Esta é a pessoa errada.

Como a situação não se alterava pois também ali não lhe era permitido qualquer contacto com os consulados, embaixadas, advogado ou outros, reiniciou uma greve de fome. No 27º dia de greve de fome foi interrogado pelo

director da prisão que lhe disse que todos sabiam que ele era inocente, mas que sem autorização de Washington não o poderia libertar.

No 37º dia da sua greve de fome no Afeganistão, o Sr. El Masri já não se conseguia manter em pé, jazia no chão. Decidiu pôr cobro à sua vida por não poder suportar mais a situação. Foi em seguida retirado da sua cela de noite e alimentado à força. Sofreu dores horrosas, segundo ele as piores que sofreu na vida.

No início de Maio chegou um psicólogo americano, que interrogou novamente o Sr. El Masri e que afirmou ter vindo expressamente de Washington DC por causa dele. Alegadamente, deveria preparar o regresso de Khaled El Masri. Duas semanas antes do seu regresso apareceu Sam. Tratava-se de um germânico genuíno que se fazia acompanhar do director da prisão americano e de tradutores. O Sr. El Masri perguntou-lhe, quando ele se manifestou, se o Governo alemão sabia que ele ali estava. Sam virou-se para os americanos, interrogou-os e decidiu não responder a essa questão. Também não respondeu à questão que incidia sobre saber se ele era uma autoridade alemã. Sam apenas respondeu à questão que incidia sobre saber se a sua mulher sabia que ele se encontrava no Afeganistão, o que Sam negou.

O referido Sam, que o interrogava em alemão, colocou a Khaled El Masri as mesmas perguntas que já lhe haviam sido colocadas na Macedónia e também pelos americanos, ou seja perguntou-lhe pelas pessoas de Neu-Ulm, pela mesquita e assuntos parecidos.

Em 27 de Maio após umas alterações foi comunicado a Khaled El Masri que não deveria comer nem beber mais nada pois seria levado para a Alemanha. Sam tinha-lhe dito que os americanos pretendiam eliminar as pistas. Nunca iriam admitir que ele estivera no Afeganistão.

Efectivamente, no dia seguinte foi colocado num contentor de navio onde lhe foi devolvida a sua mala de viagem com os seus pertences pessoais que tinha na sua viagem para a Macedónia. Foi levado para um pequeno avião e acompanhado por Sam. Sam esclareceu-o que o acompanharia até à sua aterragem na Europa. Aí deixá-lo-ia. Ele não aterraria na Alemanha mas perto da Alemanha.

O Sr. El Masri recebeu estas complicações. Pensou o tempo todo que seria executado e não sabia o que lhe estava a acontecer e como tinham ocorrido tais complicações. Durante a viagem de avião houve um pequeno diálogo entre Khaled El Masri e Sam. Quando o avião aterrou – o Sr. El Masri não sabe onde aterrou –, foi transportado durante seis horas, interrompidas por uma pausa após três horas, montanha abaixo, montanha acima, em estrada de terra batida e de terra solta e por fim deixado fora de um autocarro.

As pessoas que provavelmente falavam uma língua eslava – foi assim que o Sr. El Masri se exprimiu – indicaram por sinais que ele deveria seguir determinado caminho e que podia fazer tudo excepto virar-se para trás. Naquele momento o Sr. El Masri estava certo que iria ser

executado, mas tal não aconteceu. Chegou a um canto onde o esperavam três pessoas em uniforme e que lhe disseram que se encontrava ilegalmente na Albânia. O Sr. El Masri queria contar a sua história. Eles riram-se da história e disseram-lhe que não deveria contar esta história inverosímil a ninguém.

Novamente o Sr. El Masri pediu um contacto com a Embaixada alemã que lhe foi negado. Disseram-lhe que também não era necessário. Iriam levá-lo pelo mesmo caminho por onde ele tinha vindo e que seria transportado de avião para a Alemanha. Khaled El Masri entrou num outro carro e foi levado para o aeroporto Madre Teresa na Albânia. Aí retiraram-lhe 320 euros do dinheiro que ele levava consigo e compraram um bilhete para Frankfurt. Seguidamente foi levado por uma outra pessoa através de vários pontos de controlo sem que tivesse sido realizado qualquer controlo. Na Albânia também não foram feitas quaisquer perguntas. O Sr. El Masri não se apercebeu de nada nesse sentido. Não foram registadas quaisquer declarações.

O avião que transportava o Sr. El Masri aterrou efectivamente em 29 de Maio de 2004 às 8h40. Sabemos que se tratava do dia 29 porque no passaporte de Khaled El Masri se encontra um carimbo de saída apostado no aeroporto de Tirana.

Entramos rapidamente em contacto com o Governo alemão e com as autoridades de investigação. Demos-lhes meio ano para investigar e mantivemos os meios de comunicação social fora da ocorrência. Dado que a investigação não prosseguia, a história de Khaled El Masri foi publicada pela primeira vez no *New York Times*, em 9 de Janeiro de 2005.

1-006

Presidente. – Muito obrigado, vamos entrar agora na fase das perguntas ao Sr. El Masri, sendo certo que o advogado poderá juntar algum dado que falte e passo, como é costume, a palavra em primeiro lugar, ao nosso relator Giovanni Claudio Fava.

1-007

Giovanni Claudio Fava (PSE), relator. – Senhor Presidente, agradeço ao Sr. El-Masri, e ao advogado Gnjjidic, cujo testemunho é precioso para o nosso trabalho, o trabalho da nossa comissão temporária. Pela primeira vez pudemos ouvir, de viva voz um protagonista dos incidentes que são objecto de investigação por parte da nossa comissão. Liminarmente, a título pessoal, quero agradecer ao Sr. El-Masri o constrangimento por que passa em recordar, novamente nesta sala a experiência por que passou que certamente é muito dolorosa, quer para si quer para a sua família.

Em primeiro lugar gostaria de lhe formular uma pequena pergunta, concretamente mais do que uma pois certamente que compreende que é nossa tarefa recolher muitos pormenores, muitos indícios óbvios e concretos relativos ao seu caso e à sua história. Gostaria de me concentrar essencialmente na parte que diz respeito à sua prisão no Afeganistão.

Pretendo efectivamente perceber se as autoridades alemãs tiveram conhecimento de que o senhor esteve durante esse tempo na prisão na Macedónia ou no Afeganistão. Esta é a minha primeira pergunta. Gostaria também que nos contasse algo mais sobre esse dito Sam, se ele, em sua opinião, era um americano com uma forte pronúncia alemã ou se considera que ele era, provavelmente, um alemão. Quantos encontros foram e, principalmente, teve a impressão que esta pessoa veio para o Afeganistão a fim de apoiar a pessoa que conduzia os interrogatórios ou para o ajudar a libertar-se? Quem conduzia os interrogatórios no Afeganistão? Eram os americanos? Eram os afegãos? Em que língua decorriam os interrogatórios e em que língua respondia o senhor? As perguntas que lhe colocavam davam-lhe a impressão de que eram conhecidos muitos pormenores da sua vida?

O que é que lhe foi dito aquando da sua libertação? Foi admitido que se tratou de um erro, houve problemas para denominar o motivo da sua detenção? Quando é que foi instado a garantir que nunca falaria deste incidente? Foi-lhe exigida uma obrigação formal nesta acepção? De que modo e por quem? Estas são muitas perguntas embora curtas, mas são todas necessárias a fim de obtermos elementos de quantidade suficiente para o nosso trabalho futuro.

1-008

El-Masri, Alegada vítima. – Não sei, se as autoridades alemãs sabiam algo sobre o meu rapto. Por isso perguntei ao Sam que também nada me quis dizer sobre se pertencia às autoridades alemãs ou não.

1-009

El Masri, Alegada vítima. – Não sei quando é que as autoridades alemãs tiveram conhecimento do meu rapto. Perguntei ao Sam se pertencia às autoridades alemãs. Após um curto diálogo com os seus colegas americanos, disse-me que não pretendia responder à pergunta.

1-010

El Masri, Alegada vítima. – Perguntei-lhe se as autoridades alemãs sabiam que eu ali estava. Ele disse que não pretendia também responder a essa pergunta. Perguntei-lhe se a minha mulher sabia que eu ali estava, e ele disse: não, ela não sabe.

Num dado momento, durante o interrogatório, Sam disse-me que o destino seguinte seria a Alemanha e que o percurso era complicado. Que não iria directamente para a Alemanha e que os americanos não iriam admitir que ele ali estivera.

Sam perguntou-me ainda como é que eu me comportaria quando fosse libertado. Se me dirigiria à imprensa ou às autoridades alemãs? Eu respondi-lhe: eu só quero ir para casa. Foi então que ele me disse, é suficientemente inteligente, sabe o que eu quero dizer. Eu senti isto como uma espécie de ameaça e como uma indicação que me deveria abster-se de tal conduta.

Sam era alemão, não havia qualquer indício de pronúncia estrangeira. Num dado momento ele disse que a sua mulher também tinha um passe de metro e que o utilizava quando ia às compras com a sua amiga. Isto aconteceu no contexto de uma conversa, no qual ele me interrogou

porque é que estava com Ridossiam (?). Disse-lhe que tinha um passe de metro e que ia às compras com ele. Ele perguntou-me se queria algo da Alemanha pois iria para a Alemanha. Posteriormente esteve ausente durante uns dias.

A dado momento, no avião disse-me que tínhamos um novo presidente federal e disse o nome. Suponho que ele era uma autoridade alemã. Na verdade, não sei.

O interrogatório no Afeganistão foi conduzido em árabe e a maioria dos intérpretes tinha uma pronúncia palestina. No início havia um interlocutor libanês que me interrogou.

Sam interrogou-me talvez três ou quatro vezes em alemão. Sabia muitos pormenores sobre Ulm e sobre Neu-Ulm, sobre os meus amigos e sobre mim próprio.

1-011

El Masri, Alegada vítima – O responsável pela prisão disse-me que a razão da minha prisão havia sido uma confusão de nomes.

1-012

El Masri, Alegada vítima – Eu não prometi a ninguém calar-me. Sam só me deu a entender que eu não me deveria dirigir à imprensa ou a uma autoridade alemã.

1-013

Jas Gawronski (PPE-DE). – Sr. El-Masri, o senhor está aqui na qualidade da alegada vítima. Lamento e subscrevo os comentários do Deputado Fava sobre o seu sofrimento e a sua família.

Todavia, no seu percurso de vida não-oficial – não aquele que apresentou aos seus advogados – refere, e eu não sei se isto é verdade, ou não, que o senhor foi membro do grupo al-Tawhid no Líbano, que é considerado por muitas pessoas como próximo do terrorismo. A minha primeira questão é: pensa que foi raptado por causa da sua pessoa ou, como algumas pessoas dizem ou acreditam, por causa de ter sido erroneamente tomado por outra pessoa, alguém com o nome similar ao seu e que esteve envolvido nos ataques de 11 de Setembro em Nova Iorque?

A minha segunda pergunta incide sobre algumas discrepâncias que verifico na queixa que apresentou contra as autoridades americanas. O senhor referiu ter sido interrogado por agentes macedónios em inglês e alega que o seu conhecimento em inglês é limitado (*limited English proficiency*, consta da página 7, nº 25 da sua queixa). Depois, mais à frente, no nº 37 da página 10, refere ter sido interrogado por um médico com máscara que falava um inglês com pronúncia americana. Como é que o senhor explica que não sabendo inglês muito bem consegue detectar uma pronúncia americana?

A minha terceira questão incide sobre um comunicado de imprensa no qual Wolfgang Schäuble refere, que segundo as actas de uma reunião na qual participou o seu predecessor, Otto Schily, o embaixador americano admitiu que o rapto tinha sido um erro e pediu desculpa. O Governo norte-americano teria dado a El-Masri dinheiro – 500 000 dólares americanos – e recebido a promessa de silêncio. Na sua queixa o senhor pede ao Governo

americano uma indemnização de 78 000 dólares americanos. Também há aí uma discrepância?

1-014

El Masri, Alegada vítima. – A história com o Al Tawhid do Líbano foi em 1985. Naquela época havia guerra civil e terrorismo. Não havia a Al-Qaida nem o Bin Laden nem todas estas coisas. Este movimento estava limitado ao Norte do Líbano onde grassava a guerra civil.

Em Skopje os interrogatórios decorreram em inglês. Eu só falo algumas palavras em inglês e foi difícil entendermo-nos. Eles repetiam sempre o que queriam com palavras e frases simples. Quanto a saber que eram americanos eu consigo distinguir quando alguém fala em inglês se essa é ou não a sua língua materna em função da fluência do inglês e da pronúncia.

A observação do Sr. Schäuble, de que eu teria recebido 500.000 dólares não está correcta. Também não prometi a ninguém calar-me. Quanto aos 75.000 dólares que o meu advogado americano solicita, trata-se do valor da acção.

1-015

Gnjidic, Advogado. – Eu gostaria, relativamente a estes pontos e dado que são importantes, de os complementar:

Quanto ao ponto 1: Al Tawhid significa "o único Deus". Esta organização não deve ser confundida com a organização jordana Al Tawhid wa Al Dschihad. Este é um outro movimento completamente diferente. Se fizerem algumas contas verificarão que Al Zarquawi nessa época era ainda incipiente. Tratava-se de um movimento regional dirigido contra os sírios e que cessou em 1985 não tendo contacto nem identidade de pessoas com o Al Tawhid wa Al Dschihad. Existe nos Países Baixos uma mesquita que se chama Al Tawhid. Al Tawhid é uma designação usual no mundo muçulmano.

Quanto ao ponto nº 2, a referência do Sr. Schäuble, gostaria de esclarecer que entretanto existe um documento original do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Berlim, do Sr. Dr. Steinmeier, que me comunicou que não existe qualquer documentação sobre qualquer pagamento efectuado ao Sr. El Masri.

O valor da acção de 75.000 dólares, que é indicado na queixa como valor mínimo da acção, é um montante que tem a ver com o valor da acção para se poder interpor a *District Court* em *Eastvirginia*. Efectivamente o montante controvertido será decidido pelo juiz.

1-016

Wolfgang Kreissl-Dörfler (PSE). – Senhor Presidente! Sr. El Masri e Sr. Gnjidic, em primeiro lugar muito obrigado por terem vindo aqui a Estrasburgo. Gostaria de vos colocar as seguintes pequenas questões. Ainda quanto ao Al Tawhid, o senhor foi membro e confirmou-o, foi também membro de outras organizações? Gostaria de esclarecer este aspecto.

A segunda questão é: previamente à sua viagem para a Macedónia falou com alguém ao telefone e em caso

afirmativo pode indicar-nos com quem falou sobre assunto?

É interessante nessa viagem para a Macedónia o que o condutor do autocarro fez quando o senhor foi levado para fora do autocarro e não voltou. Houve qualquer reacção dos outros passageiros ou do condutor do autocarro? Era uma empresa da zona de Ulm.

Ainda outras duas questões sobre o Afeganistão. Como é que senhor soube que se encontrava no Afeganistão, em Cabul? Havia outros prisioneiros na prisão e teve contacto com outros prisioneiros?

1-017

El Masri, Alegada vítima. – Desde 1985 que não sou membro do Al Tawhid, nem de qualquer outra organização.

Não falei com ninguém acerca desta viagem. Ela foi decidida sem premeditação. Dirigi-me ao ADAC para me informar. Levei um cartão e viajei num curto espaço de tempo para Skopje.

Quanto ao condutor do autocarro; quando voltámos para trás, após termos percorrido três ou quatro quilómetros, o condutor do autocarro falou com as autoridades fronteiriças. Dirigiu-se a mim e disse que demoraria um bocadinho mais. Eu deveria sair e levar a minha mala. Sai e ele partiu.

Apercebi-me que estava em Cabul porque nas paredes da cela da prisão estava algo escrito sobre Cabul em árabe por outros pessoas que por passaram por essa cela. Posteriormente tive contacto com o vizinho da cela ao lado, proveniente da Arábia Saudita e que também falava árabe. Já lá estava há muito tempo. Ele disse-me que estávamos em Cabul.

1-018

Gnjidic, Advogado. – Gostaria ainda de acrescentar algo sobre esta viagem de autocarro. Quando o Sr. El Masri foi levado para fora do autocarro e tal como consta das actas do inquérito da Procuradoria de Munique, entrou posteriormente uma pessoa fardada no autocarro e informou as pessoas que não deveriam pronunciar-se sobre este incidente ocorrido na fronteira servo-macedónia.

Por este motivo, no inquérito encontra-se liminarmente uma negação desta situação, algo estranha, que consistiu em voltar para trás quatro quilómetros e que foi contornada pelas autoridades de investigação após terem procedido a um inquérito com maior rigor. Finalmente foi mesmo confessado que havia entrado uma pessoa fardada no autocarro e que tinha dado instruções para que nada fosse relatado.

Quanto aos outros prisioneiros: o Sr. Khaled El Masri esteve entretanto com cerca de 13 outros prisioneiros em contacto. Em cooperação com as autoridades de investigação estamos a investigar mais duas pessoas. Ainda é conhecida uma outra pessoa, que será ouvida como testemunha da prisão no Afeganistão.

1-019

Ignasi Guardans Cambó (ALDE). – Na sua queixa, o Sr. El-Masri, o senhor explica que, segundo as suas informações foi raptado e transferido de Skopje para o Afeganistão num Boeing 737, com a matrícula 313. Foi apurado que este voo era procedente de Palma de Maiorca. Saiu de lá três horas antes de aterrar em Skopje. De acordo com o inquérito policial, cuja cópia eu e os outros membros da comissão temos connosco, foram requisitados serviços terrestres para este voo à Mallorcair, uma companhia de "handling" sediada em Palma de Maiorca.

Testemunhas afirmam que iam a bordo oito membros da tripulação e cinco passageiros. Estes eram as pessoas que entraram para esse avião três horas antes de partir para Skopje. Antes de o levarem de Skopje para o Afeganistão, estiveram no Marriott Hotel em Palma de Maiorca. Temos os nomes dessas pessoas: Bird, O'Hale, Fairing, Grady, Franklin, Lorenzo, Deckard, Lumsden, Greensbore, Charles Bryson, Payne, O'Riley e Fain. Temos ainda os números de passaporte que utilizaram para se registarem no hotel na noite anterior ao voo. Este avião e esta tripulação voaram a partir de Palma de Maiorca durante pelo menos mais de um ano.

Pode explicar exactamente por que é que está convencido que era esse o avião, o que significa que foram essas as pessoas que o raptaram? Recordar-se de qualquer informação específica acerca dos oito membros da tripulação e cinco passageiros? E o mais importante ainda, desde quando é que tem essa informação? As autoridades espanholas nunca proibiram este avião e estas pessoas de continuar a voar para Maiorca durante, no mínimo, um ano a seguir ao seu rapto.

1-020

Gnjidic, Advogado. – O Sr. El Masri não pode responder a essa questão porque o Sr. El Masri, tal como eu referi, tinha os olhos e os ouvidos vendados, estava sob o efeito de drogas e apenas se apercebeu que se encontrava a bordo de uma aeronave.

Nós sabemos dessas investigações relativas ao avião apenas por via de informações veiculadas pelos denominados *Flightwatchers*, ou seja, pessoas que observam com precisão quais os aviões, quando e como estão no ar. Há pessoas muito importantes – aparentemente este factor não foi tomado em consideração – que investigam com rigor os voos da CIA, nomeadamente esta aeronave proveniente de Palma de Maiorca.

Chegaram-nos estas perguntas dos controladores aéreos. Estas informações existem e também as transmitimos à Procuradoria pública, do mesmo modo que transmitimos à Procuradoria pública os nomes das pessoas que viajaram neste avião para investigação subsequente.

É correcto que estes nomes são conhecidos, é correcto que os números de passaportes são conhecidos e é correcto que todas as pessoas dispunham de um denominado passaporte diplomático.

As informações que recebemos obtivemo-las através do jornal *El País* de Espanha, que certamente está em contacto com a Guardia Civil e apurou esse facto. Os

pormenores não são certamente investigados pela nossa parte. Dirigimo-nos aos meios de comunicação social para que eles recebam informações o mais amplamente possível e estas informações estão disponíveis.

Também transmitimos estas informações à Procuradoria pública assim que elas nos foram reveladas. Portanto ainda antes de termos viajado para a América ou pouco após termos regressado da América, agora não me lembro bem.

1-021

Cem Özdemir (Verts/ALE). – Sr. El Masri e Sr. Gnjjidic! Em primeiro lugar gostaria de vos dar as boas-vindas à nossa comissão. Penso que confere todo o sentido à nossa comissão ouvi-lo enquanto alegada vítima neste caso que nos relata e é o que fazemos esta noite.

Tenho algumas breves perguntas. Uma que incide sobre o facto de ter sido obrigado a abandonar o autocarro e vê-lo partir. Certamente pensou, naquela altura, porque é que foi tratado assim. Esta não é uma situação usual. Qual foi a primeira impressão, porque é que aquilo lhe estava a acontecer?

A segunda questão é relativa à Macedónia: é óbvio que a Macedónia não forneceu ao Governo Federal alemão qualquer indicação sobre o rapto de um cidadão da República Federal da Alemanha. Como considera isto? A sua apreciação desta pergunta interessar-me-ia.

Por último, a terceira e a última: O Deputado Fava já se lhe referiu brevemente, mas gostaria de mais uma vez voltar ao assunto, para que fique verdadeiramente claro, e ouvi-lo de si. Tem a impressão de que o referido Sam, que falava muito bem alemão, era eventualmente um alemão que trabalhava para os americanos ou teve a impressão que era alguém: que trabalhava para a Alemanha, que aparentemente exercia funções ali e que participava no inquérito?

1-022

El Masri, Alegada vítima. – A princípio pensei, ele só quer verificar os meus dados – talvez por isso: nome árabe, passaporte alemão, nascido no Kuwait, e El Masri significa em alemão "o Egípcio". Uma vez, no aeroporto da Jordânia, tive dificuldades semelhantes pois para os funcionários parecia muito confuso um libanês com passaporte alemão, nascido no Kuwait, e com o nome El Masri. Pensei que ele queria apenas verificar, não pensei mais nada. Só quando estávamos no hotel é que deixei de perceber o que se passava.

1-023

Gnjjidic, Advogado. – Quanto à segunda pergunta, porque é que não houve qualquer indicação da Macedónia ao Governo Federal alemão eu gostaria de responder. Nós não sabemos que indicações é que houve. Isso também é importante para nós. Conhecemos o relatório do *New York Times*, segundo o qual a Embaixada alemã na Macedónia estava ao corrente da situação. Com conhecimento próprio não podemos afirmar nada sobre isso, mas evidentemente que esta é uma das questões centrais; saber como é que o contacto com o Governo

alemão aquando da verificação de um passaporte alemão foi interrompido.

Sabemos igualmente – e fui posto ao corrente disto mais tarde –, que no caso de um passaporte ser falsificado, no período de dois minutos funcionários da protecção das fronteiras federais em cada uma das embaixadas alemãs, estão habilitados a verificar a autenticidade do passaporte e para isso não são precisas três.... (Perda de som)

Quanto às informações que efectivamente foram transmitidas tal carece de um esclarecimento preciso. Não podemos especular sobre isto e mesmo que este facto seja susceptível de especulações, cingimo-nos aos factos que temos presentes.

1-024

El Masri, Alegada vítima. – Quanto à última questão: Sam é certamente um cidadão alemão. Por indicação de um jornalista, o meu advogado telefonou-me e deu-me o endereço Internet do jornal electrónico *Saar-Echo* e disse-me que visse uma fotografia para ver se poderia ser Sam. Vi a fotografia, tratava-se de Gerhard Lehmann, e era cem por cento o Sam.

1-025

Gnjjidic, Advogado. – Gostaria de acrescentar que El Masri não sabe, naturalmente, se este alemão, este *native speaker*, trabalhava para uma organização alemã ou para uma organização americana. Certo é que conseguimos uma fotografia enviada por e-mail pelo jornalista, Frank Krüger, na qual Khaled El Masri reconheceu Sam, com 100 % de certeza.

É assinalável que este jornalista tenha desaparecido aquando da divulgação desta história. Também aqui há espaço para especulações. Não sabemos. De qualquer modo, Khaled El Masri considera que a pessoa que viu na fotografia corresponde 100% a Sam

1-026

Sylvia-Yvonne Kaufmann (GUE/NGL). – Senhor Presidente, gostaria de perguntar ao Sr. El Masri se na Macedónia e no Afeganistão tentou, de qualquer modo, obter contacto com a Embaixada alemã ou com o Consulado alemão e como é que os seus interlocutores reagiram a este pedido em ambos os países.

Tenho ainda uma outra questão a colocar ao advogado: O Gabinete do Chanceler Federal assegurou-lhe, em 2 de Julho de 2004, que seriam tomadas todas as medidas destinadas ao esclarecimento das acusações alegadas pelo seu constituinte. Foi informado sobre quais as medidas previstas? De que resultados dispõe?

1-027

El Masri, Alegada vítima – Quer na Macedónia, quer no Afeganistão, pedi sempre para contactar com a Embaixada alemã ou com autoridades alemãs. Isto foi-me sempre negado.

1-028

Gnjjidic, Advogado. – Quanto à segunda questão: houve um telefonema do gabinete do Chanceler Federal indicando que se as alegações de Khaled El Masri se

revelassem falsas, ele seria responsabilizado. Mas elas são integralmente correctas. Houve ainda um documento do Gabinete do Chanceler Federal de 2 de Julho que citou. Desde aí não houve qualquer outra reacção ou qualquer comunicação, qualquer contacto connosco.

Só agora me dirigi por escrito ao Gabinete do Chanceler Federal, por ocasião da viagem da Sra. Chanceler Merkel, perguntando se, durante essa viagem, foi abordado o assunto Khaled El Masri. Foi-me contestado que prosseguiram esforços no sentido do esclarecimento do caso.

1-029

Mirosław Mariusz Piotrowski (IND/DEM). – Senhor Presidente! Gostaria de colocar duas questões ao Sr. El Masri. Na sua primeira exposição afirma a sua presunção de que o dito "Sam" podia ser uma autoridade alemã. Há pouco afirmou ter reconhecido esta pessoa, com cem por cento de certeza, como sendo Gerhard Lehmann. Gostaria de lhe perguntar se sabe quem é esta pessoa, para quem ela trabalha agora e para quem trabalhava naquela época.

Quando à segunda questão, o senhor afirma que esteve no Afeganistão mas eu penso que não tem a certeza. Gostaria pois de lhe perguntar se está absolutamente certo de que esteve afectivamente no Afeganistão?

1-030

El Masri, Alegada vítima – Na acareação na polícia alemã, há cerca de quatro semanas vi essa pessoa, que eu vi nesta fotografia e eu reconheci-a como sendo o Sam. Desde que vi a fotografia estou cem por cento seguro que Sam – pelo menos é isso que é referido neste jornal electrónico – trabalha para uma autoridade alemã.

1-031

Gnjidic, Advogado. – O Sr. El Masri não dispõe, naturalmente de conhecimento próprio sobre para quem Sam trabalha.

1-032

El Masri, Alegada vítima – Os prisioneiros no Afeganistão conheciam-se. Naquela época estavam lá dois ou três afegãos. Durante todo o tempo só vi afegãos. Os guardas que passavam no corredor para cima e para baixo também disseram que eram afegãos. Sobre isso não tenho qualquer dúvida. Um desses afegãos disse-me uma vez que vivia próximo do irmão do Presidente afegão Karsai.

1-033

Roger Helmer (NI). – Senhor Presidente, se os factos ocorreram tal como descritos aqui, estou seguro que todos sentimos uma grande empatia com o Sr. El-Masri. Todavia, estou ligeiramente confuso acerca de dois pontos.

O Sr. Gnjidic disse que o Sr. El-Masri foi à Macedónia porque gostava de ir lá e porque era barato. Bom, este não é um motivo suficientemente razoável para se ir a algum lado; uma pessoa vai a um sítio com um objectivo. Eu gostaria de saber qual foi o objectivo do Sr. El-Masri.

Algumas das provas citadas pelo Sr. Gnjidic afiguram-se-me extremamente curiosas. Prova extraída de um diário de bordo. Como o Deputado Guardans Cambó disse, podemos ter um diário de bordo e podemos saber quem esteve no voo, mas isso não prova que o Sr. El-Masri

esteve no voo. O Sr. Gnjidic também referiu que o passaporte do Sr. El-Masri mostrava um voo a partir de Tirana. Devemos acreditar que a CIA ao operar vai colocar um carimbo no passaporte de alguém? Considero isso extraordinário.

Em conclusão, gostaria de assinalar que estamos a falar como se esses factos fossem factos comprovados. O nosso relator afirmou ser este um relatório preliminar em primeira-mão sobre o que sucedeu. O Senhor Presidente foi o próprio usar a expressão "factos". Eu só gostaria de enfatizar que neste momento estamos a tratar com alegações e que é nosso objectivo, enquanto comissão, descobrir quais são os factos.

1-034

El Masri, Alegada vítima. – Não pensei em nada. Escolhi a viagem porque ela era barata. Queria conhecer a Macedónia enquanto país e também porque ela tem uma dimensão oriental e uma ocidental. Já estive em muitos países do Leste europeu e disse a mim próprio, vou tentar ir uma vez aqui.

1-035

Gnjidic, Advogado. – Quanto à segunda e à terceira pergunta eu posso responder: Possuímos os diários de bordo, e a pergunta de saber em que medida é que estes são utilizáveis é naturalmente um detalhe entre muitos. Esta é uma questão jurídica que no contexto da litigância jurídica com a América terá de ser esclarecida.

Estamos todos a procurar os mais ínfimos detalhes a fim de reconstruir a história de Khaled El Masri. O voo a partir de Tirana é falso. O voo partiu de Skopje, mas isto trata-se certamente de um lapso. Bom, o depoimento de Khaled El Masri é claro sobre este tema. Posso ainda adiantar que as nossas investigações, que prosseguimos através dos meios de comunicação social, não se limitaram apenas a Tirana. Já estivemos há algum tempo no Afeganistão. Também lá existem informações que estão trabalhadas e que serão disponibilizadas em cooperação com as autoridades de investigação.

Quanto à quarta questão, ela não pode ser respondida por nós, ela terá de ser respondida por vós.

1-036

Rainer Wieland (PPE-DE). – Senhor Presidente! Sr. El Masri, gostaria de lhe perguntar novamente o seguinte: em primeiro lugar, entendi bem que naquela época foi a primeira vez que foi à Macedónia? Já tinha ido ali ou àquela região – falou de outros países – por motivos profissionais?

Em segundo lugar, foi aqui referido pelo colega Kreissl-Dörfler que o senhor havia admitido ter pertencido ao Al Tawhid, essa organização regional, tal como o seu advogado referiu. É verdade que pertenceu a essa organização? É verdade que aquando do seu pedido de asilo na Alemanha alegou a pertença a essa alegação regional como motivo justificativo do pedido de asilo?

1-037

El Masri, Alegada vítima. – Sim, eu encontrava-me pela primeira vez na Macedónia. A viagem não tinha de toda natureza profissional. Queria estar uns dias sozinho. Se

resultasse algo de natureza profissional ainda era incerto e também não estava planeado.

1-038

Gnjidic, Advogado. – Quanto à terceira questão relativa à organização Al Tawhid: O Sr. Khaled El Masri nunca negou a sua qualidade de membro. E isso foi em 1985.

O que aqui deve ser dito é que, obviamente, apurámos informações através do *New York Times* e de outras pessoas que conhecem este domínio oriental e este grupo. Trata-se de uma coincidência de nomes.

Mas voltemos a essa época. Fiz as contas. O que o senhor quer dizer é que Al Tawhid wa Al Dschihad de Sarkawi. Naquela época Sarkawi tinha treze anos. Esta organização ainda não tinha sido fundada. Não existe aqui qualquer conexão. Era um grupo que se chamava Al Tawhid e que nada mais significa que o Deus único. Ainda hoje, através de um jornal reputado, tive conhecimento de que há mesquitas cujos nomes são Al Tawhid sem que por isso pertençam a uma organização Al Tawhid na acepção de Düsseldorf ou de outra qualquer.

1-039

Hannes Swoboda (PSE). – Senhor Presidente! Gostaria de aprofundar um pouco a situação na Macedónia. Sr. El Masri, gostaria de lhe perguntar com quantas autoridades macedónias teve contacto? Quero dizer, contactos na fronteira, contactos no hotel, aquando do interrogatório e aquando da sua entrega, ou seja, mais ou menos quantas pessoas estiveram envolvidas. É importante saber quantas pessoas pertencentes às autoridades, a organizações macedónias ou pertencentes ao Estado estiveram aqui envolvidas.

Em segundo lugar gostaria de aprofundar a seguinte questão: Sr. Advogado, o senhor referiu que houve empregados que levaram comida ao Sr. El Masri no quarto do hotel. Como é que isso sucedeu? Eles certamente aperceberam-se que o senhor estava ali aparentemente preso. Eles levavam a comida e saíam novamente? Gostaria que explicitasse as circunstâncias no hotel. Não houve a possibilidade de chamar a atenção dos empregados para o facto de que se encontrava preso?

1-040

El Masri, Alegada vítima. – As pessoas que me levaram da fronteira para Skopje eram as mesmas que durante todo o tempo me controlaram no hotel. Eram nove pessoas às quais acrescia o chefe, o seu assistente e o pessoal do hotel.

Os meus guardas tinham um comportamento absolutamente normal e simpático. Uma pessoa pertencente ao pessoal do hotel esteve várias vezes junto de mim, há uma fotografia dessa pessoa no sítio Internet desse hotel. Talvez umas três vezes tivessem ido duas empregadas ao quarto.

1-041

Gnjidic, Advogado. – Talvez seja oportuno uma pequena história acerca das provas quanto à primeira questão sobre a Macedónia. Quando Khaled El Masri voltou da Albânia, decorridos poucos dias tivemos uma conversa um com o

outro e eu pedi-lhe que me desenhasse uma planta desse hotel. Pedi-lhe que ilustrasse todos os pormenores de que ainda se lembrasse – mesmo os mais insignificantes – que os desenhasse detalhadamente, porque a questão dos pormenores é muito relevante.

Dotados dessa planta foi possível a uma equipa de jornalistas encontrar esse hotel. Não sabíamos que tinha um sítio Internet. O Sr. El Masri também não visitou esse sítio. Apenas com base nesses esboços foi possível identificar o hotel. Temos também desenhos relativos à prisão em Cabul ou no Afeganistão.

1-042

Hannes Swoboda (PSE). – E o pessoal não o pôde ajudar?

1-043

El Masri, Alegada vítima – Eu não falei com o pessoal, como é que me poderiam ter ajudado?

1-044

Sarah Ludford (ALDE). – Tenho quatro questões muito rápidas. Em primeiro lugar, se percebi correctamente, o Sr. Gnjidic associou os nomes dos agentes da CIA no avião de Skopje para Cabul com os nomes identificados a investigação espanhola mencionados pelo Sr. Guardans Cambó, não é verdade?

Em segundo lugar, segundo o *New York Times*, fontes macedónias alegam que os agentes da CIA interrogaram o Sr. El-Masri em Skopje. Como é que o Sr. El-Masri sabe que eram macedónios?

Em terceiro lugar, o Procurador ou o senhor, Sr. El-Masri, estão a tentar encontrar o vídeo que lhe foi feito no quarto de hotel?

Em quarto lugar, descreva a situação na qual identificou Gerhard Lehmann de entre outras pessoas? Em que circunstâncias teve lugar essa sessão de identificação de suspeitos? Como é que ele aparece nessa sessão de identificação de suspeitos?

1-045

Gnjidic, Advogado. – Permita-me tomar posição quanto à primeira questão relativa aos agentes da CIA. Obtivemos esses nomes apenas através dos meios de comunicação social. A informação de que se tratava de passaportes diplomáticos que começam todos com o número 900 e informações similares foram-nos reveladas. Não as conseguiríamos obter.

É obvio que nos dirigimos à Embaixada americana em Berlim e também à Embaixada da Macedónia, das quais apenas obtivemos respectivamente o comprovativo da recepção das cartas registadas. O que significa que a recepção das carta foi confirmada com o envio dos comprovativos e não com cartas.

A questão do vídeo é uma história muito importante. Deve haver um motivo porque esse videofilme foi filmado. A fim de saber que medidas é que a Procuradoria está a enviar deverá entrar em contacto com o Dr. Hofmann. Não sei quais as diligências que estão a ser efectuadas

sobre isso. De qualquer forma esse videofilme foi realizado.

Quanto a esta identificação cabe dizer e antes que o Sr. El Masri fale sobre o assunto, que esse Sr. Frank Krüger me telefonou e disse que tinha uma fotografia que eu deveria ver e que deveria fazer chegar ao Sr. El Masri. Enviei o link ao Sr. El Masri. Portanto, quando ele viu a imagem disse imediatamente que estava 85% seguro que se tratava de Sam.

No dia seguinte ele telefonou e disse que tinha manipulado a imagem no computador de forma a que a pessoa na fotografia tivesse um boné de basebol o que não sucedia na fotografia original. Procurou vislumbrar a concordância e ficou então cem por cento seguro. Certamente que é um pouco problemático mas é o único material de que dispúnhamos. Chegou a nosso poder no momento em que nos encontrávamos precisamente a providenciar um desenho-robot. Foi aí que obtivemos a fotografia concreta.

Esta identificação é controversa. A pessoa referiu que nunca esteve no Afeganistão. É preciso investigar isso, estes são apenas factos que a investigação deve associar, nada mais do que isso.

1-046

El Masri, Alegada vítima – Na Macedónia não sabia se havia alguém pertencente à CIA, mas as nove pessoas que estiveram sempre comigo eram macedónios que se faziam entender na sua língua materna. As perguntas que me colocavam certamente que lhes eram indicadas por alguém.

1-047

Raül Romeva i Rueda (Verts/ALE). – Gostaria de lhe colocar três perguntas muito rapidamente. A primeira em relação com um tema que abordou anteriormente o Sr. Guardans Cambó — o voo que o levou de Skopje ao Afeganistão. O senhor respondeu que se encontrava drogado e que por isso não se recorda mas, e é uma pergunta hipotética, seria possível que nesse voo houvesse mais algum detido que tivesse sido — insisto, hipoteticamente— tirado do avião numa escala, eventualmente Bagdad? Tem o senhor algum indício de que poderia haver mais alguém detido consigo nesse avião?

Em segundo lugar, o senhor mencionou o jornalista, Sr. Kruger, mas pareceu-me ter entendido dizer que ele desapareceu. Pode aprofundar um pouco mais este assunto? E se desapareceu houve investigações para saber onde está, para o procurar posteriormente?

Em terceiro lugar, quando o senhor desapareceu, pode indicar-nos que diligências fizeram junto das autoridades alemãs a sua esposa e o seu círculo mais próximo, que medidas tomaram para o procurar?

1-048

El Masri, Alegada vítima. – Eu não sei se estavam outras pessoas no avião de Skopje para Cabul.

1-049

Gnjidic, Advogado. – Quanto à pessoa do Sr. Frank Krüger posso eu responder, pois eu fui o único que tive

contacto com essa pessoa. Essa pessoa quis naturalmente contactar o Sr. El Masri, mas eu protegi-o do contacto directo com a imprensa.

Essa pessoa disse-me que estava muito interessada em que esta divulgação ocorresse muito rapidamente pois devia submeter-se a uma operação a um tumor no hospital e não acompanharia a divulgação da história.

Através de outros meios de comunicação social soube que o mesmo jornalista lhes havia dito que se iria ausentar para uma longa investigação no Extremo Oriente. Qual a versão que é efectivamente verdadeira isso eu não sei. Não conheço o Sr. Frank Krüger. Gostaria de o conhecer mas ele não veio ao contacto embora eu o tenha solicitado.

1-050

El Masri, Alegada vítima – Eu não sei porque é que os meus conhecidos não me procuraram. A minha mulher talvez tenha pensado que eu me quisesse separar dela. Ela é libanesa e talvez tivesse pensado que eu ficaria com os filhos em caso de divórcio, que ela voltaria para o Líbano, se eu ficasse com as crianças. Estávamos a ter problemas conjugais antes da viagem.

1-051

Willy Meyer Pleite (GUE/NGL). – Em primeiro lugar, gostaria de manifestar a minha solidariedade para com este caso insólito, perturbador e intolerável que fez saltar para a ribalta uma das características de identidade fundamentais da Europa: toda a pessoa é inocente até prova em contrário.

Este caso demonstra efectivamente, que estamos perante uma eventual convívência de vários países — porque não poderia ser de outro modo — num sequestro absolutamente ilegal. Desde o dia em que o seu caso tem início com o Boeing 737 com matrícula N313P que sai de Palma — e no dia anterior de Argel—, desde o começo da história até que o deixam na fronteira da Macedónia, não é facilmente credível que nenhuma organização criminosa tenha capacidade de fazer o que foi feito consigo.

Por isso cabe-nos a nós, aos seus advogados, à Procuradoria de Munique ir até ao fim com todas as consequências. E ir até ao fim, significa suscitar as dúvidas e apresentar provas de que apenas a capacidade dos serviços secretos europeus e norte-americanos têm condições de actuar como o fizeram consigo. E eu lamento-o profundamente.

Termino com uma pergunta clara. Afigura-se que o Procurador Hoffman remeteu informação para a Macedónia e para os Estados Unidos sobre o caso. Conhecem a resposta que foi dada ao Procurador de Munique?

1-052

Gnjidic, Advogado. – Não sabemos absolutamente nada sobre respostas que tenham sido dadas à Procuradoria.

Pretendo dizer aqui muito claramente que a Procuradoria de Munique fez um trabalho de investigação notável. Constatamos muito claramente que as testemunhas foram interrogadas e que os depoimentos das testemunhas foram acautelados. Temos um parecer capilar isotópico que não

se revelou muito oportuno e contamos ainda inúmeros esforços de cooperação jurídica internacional desencadeados pela Procuradoria. Não é possível avaliar com precisão o que foi feito pois certamente foi muito. Cumpre afirmar que é injusto criticar o Dr. Hofmann por não ter recebido respostas que nos possa fornecer. Estou a excluir os contactos que o Dr. Hofmann ou mesmo informações que ele tenha dirigido a outros serviços.

O que é certo é que temos de partir da inocência do meu constituinte. E há algo que não pode deixar de ser suficientemente enfatizado; o Sr. Khaled El Masri sabe que, desde que tomamos a decisão de divulgar esta história todos os pormenores da sua vida são pesquisados, todas as pessoas se interessam por capítulos da sua vida. Ele decidiu conscientemente fazê-lo pois afirma que nada tem a esconder. É por esse mesmo motivo que está aqui para que lhe possam ser colocadas perguntas.

1-053

Bogusław Rogalski (IND/DEM). – Senhor Presidente! Retomo o tema da organização Al Tahid. Em 1985, quando enviava diligências para que lhe fosse reconhecido o estatuto de refugiado, afirmou pertencer a esta organização. Esta organização foi qualificada como uma organização libanesa radical extremista. Por favor diga-nos durante quantos anos foi membro dela pois segundo relatórios alemães, o senhor pertencia aos dirigentes da organização.

O segundo ponto: qual foi o motivo que invocou para que lhe fosse reconhecido o estatuto de refugiado? Gostaria de saber, se possível, esse motivo. De que ou de quem fugiu para a Alemanha?

E por fim uma última pergunta. Mencionou Gerhard Lehmann. Gostaria de saber algo mais sobre ele; sabe quem ele é e para quem trabalha?

1-054

El Masri, Alegada vítima. – Não sei o que entende por radical ou extremista ou algo semelhante. Naquele época havia uma guerra civil e – volto a afirmá-lo – considerámos que a Síria era uma potência ocupadora no Líbano.

Eu era um cidadão normal e não tinha qualquer função dirigente. Devia ter 20 ou 21 anos de idade.

Na minha fuga para a Alemanha admiti naquela época que pertencia ao Al Tawhid e que tínhamos problemas com os sírios.

Eu não sei quais as funções do Sr. Gerhard Lehmann. Apenas li no jornal electrónico que se tratava de um comissário graduado do BKA.

1-055

Gnjidic, Advogado. – Se me permite, gostaria apenas de fazer uma pequena afirmação. Quando afirma que esta organização em 1985 era uma organização radical extremista, tem que ter conhecimentos específicos que não encontrei junto de peritos em questões orientais que interroguei. É evidente que tem o direito de se questionar.

O Sr. Khaled El Masri já afirmou reiteradamente que não se tratava de uma organização radical extremista. Eu devolvo-lhe a pergunta: em que é que se baseia para afirmar que se tratava de uma organização pautada por um radicalismo extremo?

1-056

José Ignacio Salafranca Sánchez-Neyra (PPE-DE). – A verdade é que a narração dos factos aqui expostos é estarrecedora, eu diria mesmo kafkiana. Mas há questões que me interessam particularmente. Em primeiro lugar, o seu advogado, no relato dos factos, diz-nos que o senhor se integrou no período da guerra civil na luta e eu gostaria de saber quais eram exactamente as suas actividades nessa luta e se as mesmas implicavam a utilização de armas e explosivos.

A segunda questão refere-se à pergunta colocada pelo Sr. Helmer, que nos disse que o senhor vivia com a sua mulher e quatro filhos, que estava desempregado e que decidiu descansar fazendo uma viagem de dois dias de autocarro, porque era barato. Poderia fornecer-nos mais explicações acerca desta viagem que implicava um trajeto pela Alemanha, Áustria, Eslovénia, Croácia, Sérvia e Macedónia?

1-057

El Masri, Alegada vítima. – As actividades constituíam apenas em transportar as espingardas com que lutávamos. Nunca tivemos nada a ver com explosivos.

Tal como já disse anteriormente, eu queria apenas ter um tempo para mim. Em minha casa nos últimos tempos havia muito stress e eu quis verdadeiramente estar sozinho durante alguns dias.

1-058

Ana Maria Gomes (PSE). – Gostaria de agradecer ao Sr. El-Masri por estar aqui. Sr. El-Masri, tem algum motivo para acreditar que os serviços secretos alemães preveniram a CIA com base na sua detenção na fronteira? Isto foi relatado no *Berliner Zeitung* e no jornal macedónio *Vreme*.

Em virtude da carta que enviou ao Sr. Fischer e ao Sr. Schröder em 8 de Junho, foi ameaçado de graves consequências se a história não fosse verídica. Após ter sido constatado que a história era verídica, tem algum apoio por parte das autoridades alemãs? A polícia alemã, por exemplo, cooperou no que diz respeito às testemunhas, os outros passageiros do autocarro? A prisão de Cabul era dirigida por civis ou por soldados? Que nacionalidades estavam envolvidas. Estavam lá afegãos, americanos, alemães?

Sr. Gnjidic, pode por favor dizer-nos se a Procuradoria pública já emitiu um mandado europeu de detenção para os agentes da CIA identificados? Caso contrário, porque não foi emitido?

Por último, até esta data sabe se as autoridades macedónias ou albanesas assumiram alguma responsabilidade?

1-059

Gnjidic, Advogado. – Em que medida houve indicações das autoridades alemãs para os macedónios e dos

macedónios para os americanos, não sabemos. O apoio que desde a minha carta de 8 de Junho recebemos cinge-se exclusivamente aos funcionários de polícia que prosseguem as investigações. Não tiveram lugar mais contactos, para além dos já mencionados, nem por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros nem por parte da Chancelaria federal. Foi também por esse motivo que nos decidimos publicitar o assunto.

Tivemos conhecimento relativamente depressa, logo em Junho, por exemplo por parte de um detido que contactou Khaled El Masri. Assim que obtive esta informação dirigi-me às autoridades que procedem à investigação que apareceram passados quinze minutos. Encontrámo-nos fora das instalações, a fim de estarmos relativamente seguros quanto a medidas de escuta, falámos como é que havíamos de trazer para a Alemanha essa testemunha importante. Isso já foi em Junho.

Passou muito tempo e eu reiterava a pergunta de saber qual era a situação face a essa pessoa pois nós procurávamos criar um negócio por força do qual essa pessoa pudesse vir à Alemanha. Por exemplo pensámos em alternativas para trazer essa pessoa para a Alemanha. O meu pensamento era conceder a essa pessoa um estatuto de permanência. Se essa pessoa se revelasse um logro pois não havia problemas em mandá-la embora. Mas se ela pudesse ser nossa testemunha seria muito importante.

Fiquei estarelecido quando soube que não foram tomadas quaisquer medidas e que essa pessoa em Setembro ou Outubro desapareceu e desde então não está disponível. Falámos muito concretamente sobre esta questão com as autoridades de investigação. Neste contexto dissemos-lhes muito seriamente o que pensávamos desta cooperação.

Agora temos uma outra testemunha com a qual trabalhamos e com a qual trocamos informações muito concretas. As autoridades de investigação, em particular a Procuradoria de Munique está a diligenciar para trazer essa pessoa. Quanto à situação deste processo não gostaria de me alongar muito pois essa pessoa corre um perigo extremo.

Pela nossa parte temos confiança nas autoridades de investigação – não obstante em minha opinião, relativamente à primeira pessoa não ser de excluir uma certa negligência, – de que quanto a esta pessoa serão envidados novos esforços e assim que essas medidas se revelarem bem sucedidas, será envolvida uma terceira pessoa.

Quanto ao instrumento do mandado de detenção europeu, ele é problemático. Se foi emitido ou não desconheço. Parto do princípio que não foi emitido qualquer mandado. Não obstante o facto de essas pessoas serem portadoras de passaportes diplomáticos, ninguém nos diz se os nomes são efectivamente esses. É óbvio que é preciso indagar. Não o podemos fazer. Isso cabe às autoridades e certamente que o farão.

1-060

Alexander Alvaro (ALDE). – Senhor Presidente! Primeiro lugar: esta comissão tem por objectivo o esclarecimento e portanto tem de salvaguardar uma certa

neutralidade política. Simultaneamente vigora aqui a presunção de inocência.

O que a mim pessoalmente me inquieta é que o senhor parta de férias e que nem sequer um único parente, o senhor tem cinco filhos e esposa, nenhuma pessoa seja informada disso. Isto surpreende-me, a mim, pessoalmente.

Quanto às questões: em que momento soube ou lhe foi dado a conhecer que se tratavam de agentes da CIA? Em particular a expressão *black rendition* que eu li na sua petição de queixa não me diz absolutamente nada.

Existe uma conexão directa, entre a sua libertação e a conversa com o Ministro Federal Otto Schily com o embaixador dos Estados Unidos Daniel R. Coates, que foram quase simultâneas? Existem algumas informações sobre isto?

1-061

Gnjidic, Advogado. – Quanto à primeira questão, relativamente aos parentes, o Sr. El Masri poderá informá-lo.

O facto de se tratar de um *black rendition team* apenas pode ser extrapolado por paralelismo. São conhecidos os casos da Suécia, o caso da Itália, o caso Arar no Canadá que aparentemente decorrem segundo o mesmo modelo e aparentemente e, ao que tudo indica, são executados rápida e expeditamente.

É óbvio que não somos os únicos a investigar esta ocorrência. O trabalho dos nossos colegas americanos da ACLU não pode deixar de ser louvado. Soubemos por parte deles que, com base neste procedimento e das ocorrências em casos semelhantes com contornos sempre iguais que se tratava de um *black rendition team*.

Se existem conexões entre a alegada conversa do Ministro Federal Schily com o embaixador dos Estados Unidos Coates e a libertação não posso afirmá-lo. Não temos conhecimento disso. Foi-nos dito que essa conversa se realizou numa segunda-feira de Pentecostes. Neste momento não me lembro da data precisa, mas como lhe disse, ao que tudo indica, em 27 de Maio a viagem de retorno de Khaled El Masri foi preparada.

Das nossas investigações na América sabemos que a Sra. Condoleezza Rice no período de Março/Abril já devia saber deste caso. Eu pessoalmente não acredito que esta conversa tenha uma relação directa com a libertação, mas ele já se encontrava a caminho. Mas isso também tem de ser investigado, estas são apenas especulações.

1-062

Elmar Brok (PPE-DE). – Senhor Presidente! Lamento a experiência por que passou o Sr. El Masri. Mas um beneficiário de ajuda social por parte do Estado alemão com cinco filhos viajar para o estrangeiro quando tem problemas conjugais é algo que muitos não se podem proporcionar. Acrescentando a este facto que a esposa e os cinco filhos durante meses não reagiram é espantoso.

Ou será que partilhavam a opinião das autoridades alemãs, que em 28 de Abril de 2004 lhe impuseram uma vigilância policial por presumirem que poderia participar em operações bélicas? Não obstante os litígios conjugais uma esposa que vive de subsídios teria querido saber onde se encontra o marido.

Posso colocar-lhe uma outra pergunta; em 3 de Dezembro foi ouvido por uma intérprete nos Estados Unidos num aeroporto. Considera que se tratava de uma colaboradora das autoridades alemãs ou é possível que tal como ela é funcionária das autoridades americanas o denominado Sam trabalhe para as autoridades americanas e não para as autoridades alemãs?

1-063

El Masri, Alegada vítima. – A minha mulher nunca pensaria num rapto ou algo parecido. Ninguém pensou isso.

1-064

Gnjidic, Advogado. – O que o Sr. El Masri quer dizer é que nenhuma pessoa pensou num tal rapto, partiram do princípio que se tratava de um litígio familiar.

Quanto à sua observação, Sr. Brok, relativamente ao apoio social e a viagem ao estrangeiro gostaria que retivesse que nunca foi alegado o recebimento de ajuda social, portanto gostaria que se mantivesse o debate sobre os factos.

Quanto às operações bélicas e a uma decisão de detenção eu não considero que o Sr. El Masri estivesse nessas condições. Se o senhor tem essa informação por favor faça-me-a chegar.

Sabemos que a Multikulturhaus em Ulm foi filmada e observada, mas não sei de nada sobre um propósito de detenção. Soube, também por parte da Procuradoria por escrito, que não existem quaisquer elementos de suspeita contra o Sr. Khaled El Masri. Além do mais, tenha em consideração que Khaled El Masri voltou do Afeganistão.

Na medida em que faz aqui alusão a um relatório do Governo é possível que lá esteja uma alusão no sentido de que a sua ausência foi constatada e que não podia ser excluída uma eventual participação em actividades bélicas. Mas não mais do que isso. Se o senhor dispõe de outros conhecimentos, a defesa gostaria de também ter acesso aos mesmos.

Quanto à sua última pergunta – é certo que o Sr. El Masri foi ouvido em 3 de Dezembro, em Atlanta, será ele a responder se se tratava de um germano-falante ou de um alemão.

1-065

El Masri, Alegada vítima. – Ela era americana, falava muito bem alemão mas não perfeitamente.

1-066

Gnjidic, Advogado. – Frank Krüger apresentou-se-me como jornalista do *Saar-Echo*. Eu não conhecia o jornal *Saar-Echo* até aquela data. Devido ao estilo de escrita do Sr. Frank Krüger tive uma cautela extrema com este contacto.

DV\649546PT.doc

1-067

Martine Roure (PSE). – Senhor Presidente, serei muito breve. Lemos que a polícia da Macedónia o interrogou sobre uma transferência bancária que recebeu da Noruega. Pode confirmar e que pensa sobre o facto de os serviços secretos europeus terem participado na transmissão de informações que lhe dizem respeito?

1-068

El Masri, Alegada vítima – Eles perguntaram-se se eu tinha contactos na Noruega. Surpreendi-me porque é que me falavam da Noruega. Disse que não sabia a fim de conseguir mais informações mas não foi o caso. Sou comerciante de automóveis e recebo elevados montantes de um cliente na Noruega para a minha conta. Eu levantava estes montantes em numerário, comprava os carros para os meus clientes e enviava-os.

1-069

Gnjidic, Advogado. – A pergunta não estará talvez totalmente respondida. O cliente na Noruega não é um árabe, isto para evitar qualquer dúvida. Quais os serviços europeus que eventualmente participaram na transmissão de informações não sabemos responder.

1-070

Ewa Klamt (PPE-DE). – A minha primeira questão incide sobre as dificuldades no regresso à Alemanha. O Sr. Gnjidic afirmou que a sua fisionomia estava completamente alterada. Pergunto se teve problemas com isso.

Segunda questão: se isso me tivesse acontecido. O meu primeiro passo seria dirigir-me a alguém que tivesse um uniforme e apresentar imediatamente uma queixa, porque é que não o fez?

Terceira pergunta: compreendi bem que não recebeu qualquer indemnização por parte dos americanos, absolutamente nenhuma?

1-071

El Masri, Alegada vítima. – Eu parecia mais velho do que na fotografia e o funcionário no controlo de passaportes perguntou-me se eu tinha outros documentos. Tinha o meu bilhete de identidade, a minha carta de condução, um passe de metro, etc. que lhe mostrei e ele deu-se por satisfeito.

Para mim não foi fácil falar com alguém sobre o meu rapto. Tinha muito medo de que se contasse algo viesse a ter qualquer tipo de problemas. Quando voltei para a minha casa nem me atrevi a dormir lá. Dormi em casa de amigos e de conhecidos.

Nunca recebi qualquer indemnização de ninguém.

1-072

Presidente. – Estamos já no limite do tempo. Agradeço aos intérpretes o tempo extra que nos concederam e tenho quatro senhores Deputados inscritos a quem vou dar a palavra para perguntas curtas de 1 minuto, pedindo depois ao nosso convidado para responder em conjunto. Peço a todos para, em nenhuma circunstância, ultrapassarem 1 minuto.

PE 384.299v01-00

1-073

Charles Tannock (PPE-DE). – Sr. El-Masri, antes de estar na Macedónia ou quando esteve na Albânia teve em algum momento quaisquer contactos com o Exército Libertador do Kosovo – o UCK – que está activo em alguns pontos da Macedónia como parte de um projecto albanês de grande envergadura e que alegadamente tem relações com organizações terroristas internacionais extremistas?

Acredita que foi raptado devido a um azar de identidades trocadas ou por causa das suas anteriores ligações aos islamistas libaneses, há 20 anos?

1-074

Edith Mastenbroek (PSE). – Obrigada por ter vindo e falado connosco. Sr. El-Masri, tenho algumas questões relativas às suas aptidões linguísticas. Que línguas o Sr. fala frequentemente? Em que línguas considera que as suas aptidões podem ser descritas como "compreensão passiva"? Que línguas consegue reconhecer por contraposição a outras línguas?

A segunda questão é um pouco mais profunda. Descreveu a presença de intérpretes que falavam árabe e que tinham uma pronúncia palestina. Eu não falo árabe. Como é que reconhece uma pronúncia palestina por contraposição com uma pronúncia libanesa, por exemplo? Recordar-se das palavras ou das frases que o fizeram crer que se tratavam de palestinos? Pode descrever essas frases e palavras e a diferença entre a pronúncia libanesa?

1-075

Patrício Gaulesa (PPE-DE). – Para reconstituir a sua história, em primeiro lugar, que provas temos nós das sevícias que diz ter sofrido? Há testemunhas nos hotéis, no avião, nas prisões e no autocarro? Quem lhe contou a história da pessoa que subiu ao autocarro dizendo aos passageiros que não falassem sobre o assunto? Quem o prendeu num hotel? Tratava-se de milícias, de soldados? O seu advogado disse que no hotel pôde telefonar ao seu assistente. Como? Se pôde telefonar ao seu colaborador porque é não falou primeiro para a sua embaixada? O avião que o levou para o Afeganistão era civil ou militar? Tem um carimbo no seu passaporte. Em geral quando se viaja como passageiro regular tem-se um carimbo o que não é o caso quando se é prisioneiro. Por último, Sam é americano? Não. Fala alemão. Então encontra macedónios, libaneses, palestinos? Trata-se pois de algo relativo à CIA? Gostaria de saber onde é que estão os americanos aí metidos?

(O Presidente retira a palavra ao orador)

1-076

Boguslaw Sonik (PPE-DE). – Senhor Presidente! Sr. El-Masri em que países esteve além da Alemanha antes de ter chegado à Macedónia? Quando esteve nesses países, por quanto tempo e porquê? O que é que a sua esposa e filhos lhe disseram aquando da sua partida? O senhor afirmou que tinha perguntado ao Sr. Sam se a sua esposa sabia do seu rapto. O senhor pediu ao Sr. Sam para informar a sua família? E o que é que respondeu? Perguntou-lhe como é que ele sabia que a sua esposa não sabia nada do seu desaparecimento?

Gostaria aqui de deixar uma observação relativamente ao processo; eu não concordo com a participação desproporcionada do advogado nesta audição pois metade das respostas são dadas por ele.

1-077

Kathalijne Maria Buitenweg (Verts/ALE). – Em primeiro lugar, gostaria de manifestar a minha irritação, pelo facto de muitas pessoas agora pretenderem saber se o Sr. El-Masri é culpado. Pode ter feito uma série de coisas erradas na sua juventude e pode ter sido uma má ideia ao deslocar-se para a Macedónia. Seja o que for, tal não justifica ter sido torturado. E este é o elemento básico.

Qual foi o maior obstáculo ao seu trabalho? Quer algo de nós? Podemos ajudá-lo de algum modo? O que é que faz agora? Pode prosseguir com a sua vida? De que modo isto o afectou?

1-078

El Masri, Alegada vítima. – Eu não tenho qualquer contacto com o UCK e também não sei o que é que isso é. Tal como eu disse precedentemente não sei o que é que se entende como terrorismo extremo, terrorismo não-extremo, terroristas e não terroristas. Eu não tenho qualquer contacto com qualquer organização. Estive muitas vezes na Multikulturhaus, que é a única mesquita árabe em Neu-Ulm.

1-079

Gnjidic, Advogado. – Permitam-me, talvez, completar. Se ele tivesse contacto com uma organização extremista islâmica não estaria hoje aqui.

Quanto aos nomes e a ser o nome falso; se nós quisermos verificar a identidade de uma segunda pessoa com o qual ela foi confundida, então temos de indagar uma vida paralela. Tem de ser interrogados pormenores acerca de um percurso de vida paralelo. Tal nunca foi feito. Pelo contrário, este senhor deu-nos muitas informações e pormenores sobre a sua vida. Portanto, excluo um pouco essa confusão de nomes.

1-080

El Masri, Alegada vítima – Sempre em países europeus. Onde e quando estive não sei, mas isso está no meu passaporte. As minhas anteriores viagens fora da Europa estão todas carimbadas no meu antigo passaporte que se encontra junto da polícia alemã.

Não, não pedi ao Sam que dissesse algo à minha família pois eu naquele momento não sabia se ele pertencia às autoridades alemãs ou à CIA.

1-081

Gnjidic, Advogado. – Quanto à última história, o maior obstáculo que temos é que só conseguimos obter poucas informações e, essencialmente, através dos meios de comunicação social.

O que esperamos de vós é, naturalmente, um modo de colocar o problema claro relativamente à Macedónia. A Macedónia tem de esclarecer porque é que assumiu aquela postura, porque é que não possibilitou o contacto com as autoridades alemãs, não obstante o senhor El-Masri ser titular de um passaporte alemão. É isso que tem de ser esclarecido.

1-082

El Masri, Alegada vítima – Efectivamente tudo isto me perturbou muito. Não sei mesmo porque é que me fizeram isto. Gostaria muito de saber porque é que me fizeram isto e que o assunto fosse esclarecido.

Falo fluentemente alemão e árabe. Percebo algumas palavras de inglês. Consigo distinguir muito bem as diferentes pronúncias árabes. Eu próprio sou árabe e estive em muitos países árabes.

1-083

Gnjidic, Advogado. – A pergunta seguinte, pretendo resumir-la, também relativamente ao papel do advogado.

Há, naturalmente muitas perguntas de natureza jurídica que aqui se colocam e que são legítimas. É minha missão enquanto advogado, responder às mesmas.

Qual o papel desempenhado por uma testemunha, também é uma questão jurídica. Temos naturalmente testemunhos de passageiros do autocarro, temos testemunhas da prisão, temos testemunhas do hotel na Macedónia e eventualmente algum pessoal do aeroporto.

Esta observação segundo a qual o Sr. El Masri conseguiu telefonar ao seu assistente é certamente um erro de tradução ou de compreensão. É óbvio que não conseguiu. Ele não teve contacto com ninguém. Foi o assistente do chefe na Macedónia que propôs ao Sr. El Masri entrar num acordo e comunicar que ele era membro da Al-Qaida.

1-084

El Masri, Alegada vítima – Não sei se no avião estavam outros prisioneiros a bordo.

1-085

(A reunião é encerrada às 22h45.)